

Do feed ao afeto: percursos de paternidade entre postagens e algoritmos ¹

Lucas Gomes Thimoteo²

Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira³

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Unicentro, Guarapuava, PR

Resumo

São muitos os perfis no Instagram que abordam a paternidade ativa. Utilizando etnografia digital e análise de redes sociais digitais, fundamentadas nos estudos de gênero e em teorias sobre a masculinidades, como as de Connell (1995) e Nolasco (2001), buscou-se um recorte de influenciadores que tratem de temas como masculinidade e gênero. Observou-se que, apesar da frequência elevada de postagens, poucos discutem criticamente tais assuntos, indicando um avanço ainda tímido na desconstrução do modelo masculino tradicional. Por outro lado, uma análise pontual de posts sobre masculinidade e equidade parental demonstram que novos passos são dados na direção contrária.

Palavras-chave: Paternidade ativa; masculinidade; redes sociais digitais; equidade parental; etnografia digital.

Quando o pai entra em cena: inquietações sobre masculinidade e cuidado

Historicamente, as decisões relacionadas à alimentação, vestuário e brincadeiras das crianças, bem como práticas específicas da maternidade, como gestação, lactação e cuidados cotidianos, posicionaram predominantemente as mães como protagonistas. Essa centralidade feminina também foi reforçada por culturas comunicacionais direcionadas especificamente ao público materno. Em contraste, a reprodução da figura masculina tradicionalmente foi associada, sobretudo, ao sucesso profissional e social, limitando a representação dos homens no âmbito privado e doméstico. Na publicidade, por exemplo, “o homem quando surge está geralmente relacionado com o êxito profissional e o sucesso na vida pública” (Januário, 2014, p. 9).

Além disso, a cultura ocidental raramente deu destaque a narrativas de homens sobre suas experiências com a paternidade ativa e cuidadora, resultando em uma escassez significativa de referências sobre o significado social e pessoal do pai que assume o papel central nos cuidados familiares. Recentemente, no entanto, verifica-se um movimento de redefinição dos papéis parentais, em que os homens têm se mostrado mais ativos e

¹ Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Este artigo é uma versão ampliada do resumo expandido apresentado no 25º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Nordeste.

² Graduado em Publicidade e Propaganda, Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Unicentro, email: lucas@unicentro.br.

³ Professora do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Unicentro, email: nincia@unicentro.br

envolvidos na criação dos filhos, desafiando o modelo histórico que atribui exclusivamente às mulheres as funções de cuidado familiar.

Essa transformação nas expectativas sociais em torno da paternidade estimulou o surgimento de práticas discursivas e midiáticas focadas em dar visibilidade às experiências de homens que assumem integralmente ou majoritariamente os cuidados com seus filhos. Nesse contexto, ganharam espaço perfis em redes sociais digitais, especialmente no Instagram, que compartilham conselhos e experiências sobre paternidade. Estes perfis apresentam um modelo de pai cuidador, claramente distinto daquele tradicionalmente retratado como mero auxiliar das mães.

O objetivo central deste trabalho, é identificar perfis na plataforma digital Instagram que publicam ações e rotinas envolvidas na construção desse "pai cuidador" nas mídias digitais. Especificamente, busca-se encontrar nesses influenciadores, por meio de suas publicações, se, além de suas atitudes como pai ativo, suas mensagens tentam, de certa maneira, abordar temas que quebrem o paradigma do “pai provedor”, tais como masculinidade, gênero, machismo, equidade e a própria paternidade ativa.

Rastreando afetos e algoritmos: percursos de uma pesquisa em rede

Entre as diferentes abordagens metodológicas aplicáveis a ambientes digitais, particularmente aqueles mediados por comunicação via computador ou *smartphone*, a etnografia digital destaca-se como especialmente pertinente e eficaz. Essa relevância decorre, em grande medida, de sua capacidade de reorganizar e atribuir sentido coerente a informações fragmentárias e dispersas, transformando indícios soltos em *insights* interpretativos sólidos. Como observa Magnani, “em algum momento, os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento” (2002, p.17), assim, a abordagem etnográfica permite que elementos inicialmente isolados se articulem em um todo coerente, oferecendo novas possibilidades interpretativas e ampliando o entendimento dos fenômenos sociais observados.

Com o advento e popularização da internet, a aplicação da etnografia encontrou terreno fértil nas comunidades virtuais. Essa adequação metodológica decorre da própria natureza dessas comunidades, frequentemente formadas por grupos sociais originalmente constituídos no contexto *offline* que, posteriormente, migram para o ambiente digital, mantendo ou mesmo expandindo suas interações sociais *online*. Fragoso, Recuero e Amaral (2011) destacam essa característica como uma razão crucial para o emprego da

etnografia, já que essa abordagem consegue captar as dinâmicas complexas de migração e coexistência entre espaços *online* e *offline*.

Entretanto, as autoras também sinalizam a existência de pesquisas que adotam uma perspectiva etnográfica mais limitada, definidas como estudos de inspiração etnográfica. Tais estudos “se utilizam de partes dos procedimentos etnográficos de pesquisa, mas não chegam a ir a campo, porém, podem incorporar protocolos metodológicos e práticas de narrativa como histórias de vida, biografias ou documentos para compor a análise de dados” (Fragoso, Recuero, Amaral, 2011, p.168). Esse tipo de abordagem permite explorar contextos digitais quando o acesso físico ou a imersão prolongada em campo não são viáveis ou necessários.

Como complemento essencial à etnografia digital, a Análise de Redes Sociais (ARS) emerge como metodologia adicional altamente efetiva para ampliar e aprofundar os resultados da pesquisa. “A ARS parte da determinação de uma rede social a partir do objeto do pesquisador. Portanto, nessa abordagem é preciso selecionar o objeto e a forma de coleta de dados” (Fragoso, Recuero, Amaral, 2011, p.118).

Por fim, quanto à coleta empírica propriamente dita, os dados analisados são obtidos predominantemente a partir da observação e análise de publicações fixas nas plataformas digitais, incluindo textos, imagens e vídeos. Essa estratégia de coleta permite acompanhar tanto os conteúdos explícitos quanto as formas mais sutis de interação e comunicação, enriquecendo significativamente a compreensão das dinâmicas sociais e discursivas presentes nas redes analisadas.

A definição de quais perfis seriam elencados para a pesquisa deu-se por meio do sistema de busca simples da rede social Instagram⁴. Foram definidos os termos “paternidade”, “pai / papai” e “masculinidade” a serem procurados. A partir do resultado, estabeleceu-se os seguintes critérios de filtragem para se determinar quais seriam estudados: 1. Perfis com mais de 50 mil seguidores, como forma de se determinar a abrangência que o influenciador propagaria suas postagens; e 2. Mais de mil publicações no *feed*, como demonstração de frequência e prática constante da emissão de opiniões e mensagens acerca do tema pesquisado.

Vale destacar que as práticas culturais de paternidade ativa não se desenrolam apenas em um plano discursivo, mas estão imersas em um ecossistema mediado por dados e algoritmos. Como destacam Nieborg e Poell (2018), a plataformização da produção

⁴ A aplicação da busca e os dados resultantes aqui apresentados se deram no dia 17 de janeiro de 2025.

cultural condiciona a visibilidade dos conteúdos ao engajamento e à lógica algorítmica de recomendação.

As mercadorias culturais contingentes são inerentemente dependentes das plataformas, seus produtores tornam-se efetivamente cúmplices na aceitação de mecanismos econômicos, estratégias gerenciais e modelos de governança e infraestrutura que equivalem à desproporcionalidade, dependência e desigualdade⁵. (Nieborg, Poell, 2018, p. 4289)

Assim, a circulação dessas narrativas de paternidade também depende das dinâmicas de distribuição das plataformas, o que pode potencializar ou limitar seu alcance e impacto.

Os primeiros dados

Diante do método empregado na busca de perfis na rede social digital que se enquadrassem nos critérios adotados, chegou-se a um total de seis. Utilizando-se o termo “paternidade”, foram identificadas as contas @pai_mala, com 51,3 mil seguidores e 2310 publicações; @otadeufanca, com 75,1 mil seguidores e 1244 publicações; e @emersonperes, com 281 mil seguidores e 1000 publicações. Com o termo “pai / papai” outros três perfis atenderam ao estabelecimento prévio, @pai_xao, com 191 mil seguidores e 3256 publicações; @thiagoqueiroz, com 306 mil seguidores e 3364 publicações; e @papaiemdobro, com 98,6 mil seguidores e 1556 publicações.

Além da seleção dos perfis por métodos quantitativos, também foram observados o teor das mensagens e postagens. Todos os seis mencionados tinham em suas publicações abordagens sobre a paternidade, relação com os filhos e temas relacionados. O que se encontrou de forma diferente quando a busca pelo termo “masculinidade” foi realizada. O resultado apresentou vários perfis, alguns que atendiam aos critérios quantitativos, porém, o que se encontrou nas publicações foram textos e falas que resgatam, principalmente, a masculinidade hegemônica e ideias conservadoras e religiosas quanto ao papel do homem na relação pai/filho, o que foge do escopo e da intenção deste trabalho.

Com a definição desta etapa da pesquisa, passou-se a execução da seleção das publicações relevantes para atender ao objetivo do trabalho. Até a data da realização da

⁵ Tradução livre do original: Contingent cultural commodities are inherently platform-dependent, their producers are effectively complicit in accepting economic mechanisms, managerial strategies, and governance frameworks and infrastructures that equal disproportionality, dependency, and inequality

busca na plataforma, um total de 12752 publicações foram numeradas nas seis contas do Instagram. A leitura dessa totalidade é inviável e optou-se por catalogar e categorizar digitalmente todos eles.

Por meio de *scripts* criados para esse fim e com o uso de extensões/plugins de navegadores web, foi possível fazer o *download* de todas as imagens e vídeos dos perfis selecionados. Além disso, o mais importante para a viabilização da pesquisa foi a criação de um banco de dados com todas as legendas vinculadas a cada um dos arquivos baixados. Com essas planilhas, foi possível identificar, quantitativamente, o número de vezes em que determinadas palavras tinham menção nas legendas publicadas pelos influenciadores pré-selecionados.

Para o presente trabalho, os termos selecionados para analisar o que esses pais *influencers* abordam em suas mensagens foram “paternidade ativa”, “masculinidade” e “gênero”. O resultado obtido para essas palavras, dentre as mais de 12 mil publicações foi tabulado como demonstrado a seguir:

Tabela 1: Frequência de termos presentes em perfis de pais influenciadores

PERFIL	NÚMERO TOTAL DE POSTS	GÊNERO	MASCULINIDADE	PATERNIDADE ATIVA
@emersonperes	1009	0	0	64
@otadeuf Franca	1236	51	41	5
@pai_mala	2321	3	13	291
@pai_xao	3254	0	0	234
@papaiemdobro	1566	44	67	52
@thiagoqueiroz	3366	31	42	236
TOTAL	12752	129	163	882

Fonte: Elaborado pelo autor

Percebe-se que alguns perfis, como @pai_xao, apesar de abordar a paternidade quase que integralmente em suas imagens, vídeos e mensagens, não faz menção alguma sobre masculinidade ou gênero.

Narrativas que cuidam: discursos que desafiam o masculino tradicional

Para a etapa analítica, duas publicações foram selecionadas: uma de Thiago Queiroz (@thiagoqueiroz) e outra de Ton Kohler (@papaiemdobro). Ambos são reconhecidos por produzirem conteúdos voltados à paternidade ativa. Suas publicações abordam, em diferentes enfoques, questões ligadas à construção da masculinidade, ao

exercício do cuidado e à reconfiguração dos papéis parentais. A análise busca compreender como esses discursos são articulados nas plataformas digitais e de que forma tensionam ou reproduzem valores associados à masculinidade hegemônica. A primeira análise recai sobre uma publicação de Thiago Queiroz, datada de 31 de outubro de 2024, em que o autor compartilha reflexões sobre ser um modelo de masculinidade saudável. Em seguida, será analisada a publicação de Ton Kohler, feita em 17 de setembro de 2024, na qual o influenciador reflete sobre a equidade parental e da igualdade de gênero, ampliando o debate sobre as responsabilidades parentais e os papéis de homens e mulheres no cuidado com os filhos.

Thiago Queiroz: ser o homem que seus filhos esperam

É importante que a gente lembre que a gente não só muda a forma como os nossos filhos vão viver o mundo, vão enxergar o mundo, vão agir no mundo se a gente não mudar também a forma como nós somos modelos. E agora eu falo em perspectiva de pai. Você aí que é pai e tá vendo isso daqui. Você precisa ser um modelo de masculinidade saudável para o seu filho ou para aquela criança que você está educando ou cuidando de uma forma geral.

A gente educa as crianças através do modelo, e são essas figuras de referência principais dos meninos. Se isso daí for uma figura de referência torta, tóxica, violenta, não tem jeito, ele vai introjetar isso dentro dele como valor, como algo que um homem deve fazer para se portar e para se reconhecer enquanto homem. Então assim, a gente precisa mudar também.

Todo esse movimento, de mudar a forma como os nossos meninos são criados partem de dentro também, de dentro para fora, porque não tem como eu não mudar isso aqui, as minhas percepções sobre masculinidade e achar que eu vou conseguir dar um espaço seguro para ele exercer uma masculinidade que seja, às vezes, tão diferente daquela que eu aprendi que eu deveria ser.

E assim, te garanto, está sendo bem diferente do que foi comigo lá atrás. (Queiroz, 2024)⁶

No vídeo, o influenciador evidencia um movimento contemporâneo de redefinição da masculinidade a partir da paternidade. Ao enfatizar a importância de ser um “modelo de masculinidade saudável”, Queiroz reconhece implicitamente a existência histórica de modelos hegemônicos caracterizados por violência, autoritarismo e rigidez emocional, aspectos estes criticados por Connell (1995) e Nolasco (2001) na construção tradicional do masculino.

⁶ Disponível em <https://www.instagram.com/p/DBym8O9uwPI/>

Thiago Queiroz desafia, em seu *post*, modelos tradicionais de masculinidade que associam virilidade a comportamentos violentos, autoritários e insensíveis. Ao propor a figura de um pai como referência positiva de masculinidade para os filhos, ele aponta para uma reconstrução ética e afetiva dos padrões de comportamento masculino, desvinculada da lógica da dominação.

Ao afirmar que é preciso mudar “de dentro para fora”, Queiroz reforça a ideia de masculinidades plurais, proposta por Connell, que entende o gênero como uma configuração mutável, construída social e historicamente. Segundo a autora, “se quisermos que essa mudança se torne consciente e aberta ao controle democrático, então precisamos saber como o gênero é moldado e como ele pode ser re-moldado” (Connell, 1995, p. 189). A referência à necessidade de oferecer um “espaço seguro” para seus filhos explorarem masculinidades distintas daquelas aprendidas na geração anterior sugere o reconhecimento das masculinidades subordinadas, frequentemente reprimidas por um modelo patriarcal e violento.

Queiroz parece consciente dos privilégios historicamente associados à masculinidade hegemônica e do papel crucial dos homens na transformação dessas práticas, alinhando-se à perspectiva crítica de Welzer-Lang (2001), para quem a dominação masculina atribui privilégios simbólicos e materiais aos homens em detrimento das mulheres e de outros homens não-hegemônicos.

Ton Kohler: cuidar é também um lugar do homem

Mas e cadê a mãe das crianças? A mãe faleceu, senhora.
Ai, um homem tão jovem não merece viver assim. Engraçado, e se fosse uma mulher?
Cheguei escutar muitos absurdos disso. Quando estava no parque brincando com eles. Quando eu fui no buffet infantil, uma vez uma senhora me abordou e eu cheguei com as bolsas, coloquei os dois no chão. Aí sentei na cadeira, ufa! e a senhora veio:
Moço, tudo bem?
Tudo. Você precisa de uma ajuda?
Não, tudo bem, senhora.
Você veio sozinho?
Vim.
Mas e cadê a mãe das crianças? Expliquei pra senhora. Tava curiosa, tadinha, né?
A mãe faleceu, senhora.
Que pena. E você mora sozinho com eles?
Sim, eu moro.
Essa senhora vira pra amiga dela, que estava do lado, e diz assim:
Ai, um homem tão jovem não merece viver assim.

Engraçado, e se fosse uma mulher?

Se fosse uma mulher, por que ninguém pergunta? Cadê o pai dessas crianças? Sempre "cadê a mãe?" e nunca "Cadê o pai?", né? (Kohler, 2024)

A publicação de Ton Kohler (@papaiemdobro), composta por um vídeo e um texto complementar, oferece uma potente crítica à normatividade de gênero que ancora o discurso social sobre os cuidados parentais. A fala de Kohler, marcada por uma vivência pessoal, expõe a estranheza social diante de um homem que exerce sozinho o papel de cuidador dos filhos, subvertendo a expectativa de que o cuidado é, por natureza, uma atribuição feminina.

A frase que inaugura tanto a legenda quanto o vídeo — “Cadê a mãe dessas crianças?” — sintetiza uma inquietação social que revela não apenas a ausência do pai nas narrativas convencionais do cuidado, mas também a desconfiança quando ele ocupa esse lugar. Como apontam Connell (1995) e Nolasco (2001), a masculinidade hegemônica construiu-se historicamente sobre a recusa de atributos considerados femininos, entre eles o cuidado, a sensibilidade e a dedicação ao lar. Ao performar publicamente o papel de pai cuidador, Ton Kohler provoca esse modelo normativo e acrescenta uma nova visão de gênero, na qual o cuidar é ressignificado e desassociado do feminino.

A resposta da senhora no vídeo — “Um homem tão jovem não merece viver assim” — ecoa uma lógica patriarcal que naturaliza o sofrimento e o sacrifício como atributos femininos, enquanto recusa ao homem a possibilidade legítima de ser cuidador. Essa lógica é sustentada por normas estabelecidas e compreendidas de gênero, que regulam quem pode ser o quê e sob quais condições, “as pessoas são reguladas pelo gênero e que esse tipo de regulação opera como uma condição de inteligibilidade cultural para qualquer pessoa” (Butler, 2014, p. 267). O momento vivido por Kohler, algo natural para ele, desafia essas normas ao tornar visível uma masculinidade que cuida, que sofre e que se responsabiliza, deslocando o lugar tradicionalmente ocupado pelas mulheres.

CADÊ A MÃE DESSAS CRIANÇAS?

Essa é a primeira frase que se pergunta a um Pai quando está sozinho com os seus filhos.

Isso acontece porque normalizamos a tarefa do CUIDAR como um trabalho FEMININO e, por consequência, das mães.

Lá no passado esse papel era muito bem definido devido a uma configuração de sociedade muito distinta das que temos nos dias de hoje.

Hoje as mulheres têm sonhos, carreiras, desejos e necessidades que antes não tinham espaço porque por uma convenção cultural “viviam-se” para seguir o marido. Não que isso seja errado mas é cada vez mais raro atualmente.

Neste cenário, mulheres buscam diariamente os seus direitos e seu espaço para realizar seus sonhos. (Kohler, 2024)

Na legenda, Kohler amplia esse debate ao mencionar a transformação histórica das expectativas femininas — de viver para o marido à busca por autonomia, carreira e sonhos próprios. Ele destaca a necessidade da equidade parental como condição para o equilíbrio de gênero, apontando que o ideal de igualdade não se resume ao empoderamento das mulheres, mas também exige a revisão dos papéis atribuídos aos homens. Nesse sentido, sua fala se alinha ao que Welzer-Lang chama de “uma crise profunda da identidade masculina” (2001, p. 472), não no sentido de enfraquecimento, mas de reformulação crítica diante das mudanças sociais.

Além disso, Kohler convoca um debate público sobre as bases culturais que sustentam a divisão sexual do trabalho parental. Como analisa Badinter (2011), a maternidade, e por extensão o cuidado, são frequentemente naturalizados como instinto feminino, enquanto a paternidade precisa ser continuamente justificada como escolha, ação ou sacrifício. O discurso de Kohler contribui, portanto, para a visibilidade de uma paternidade ativa que não apenas cuida, mas que politiza o cuidado.

Sua intervenção nas redes sociais, ao tornar públicos relatos que tradicionalmente permanecem no âmbito privado, pode ser lida como uma forma de resistência cultural. Estamos diante de uma disputa pela significação da identidade masculina, mediada por plataformas digitais que têm o potencial de amplificar vozes dissonantes do modelo tradicional. Ainda que os influenciadores analisados ocupem espaços de visibilidade, suas narrativas confrontam normas consolidadas de gênero e colocam em circulação discursos alternativos sobre o papel do homem no cuidado.

Conclusão

A análise das publicações de Thiago Queiroz e Ton Kohler permite compreender como os discursos sobre paternidade ativa nas redes sociais digitais questionam os modelos tradicionais de masculinidade. Queiroz propõe uma reconstrução da masculinidade a partir do exercício consciente e emocional do cuidado, enfatizando a responsabilidade dos pais como modelos afetivos e transformadores. Já Kohler, ao relatar sua vivência como pai solo, denuncia as normas de gênero que associam o cuidado

exclusivamente às mulheres e revela o estranhamento social diante de um homem cuidador. Ambas as narrativas rompem com a lógica da masculinidade hegemônica e inserem novos sentidos às práticas parentais contemporâneas. Ao ocuparem o espaço público das plataformas digitais, esses influenciadores não apenas compartilham experiências, mas disputam significados em torno da identidade masculina, ampliando o repertório cultural sobre o que significa ser homem e pai na atualidade.

REFERÊNCIAS

JANUÁRIO, S. Homens em revista: gênero, cultura e imagem nas representações masculinas na publicidade. In: **Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Foz do Iguaçu, Intercom 2014, Set. de 2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/r9-1617-1.pdf>. Acesso em: 11 abr. 25.

BADINTER, E. **O Conflito**: a mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BUTLER, J.. Regulações de gênero. **Cadernos Pagu**, n. 42, p. 249–274, jan. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/Tp6y8yyyGcpfdbzYmrc4cZs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 02/06/25.

CONNEL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725>. Acesso em: 16 abr. 2025.

FRAGOSO, S; RECUERO, R; AMARAL A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

KOHLER, T. [Sem título]. 17 set 2024. Instagram: @papaiemdobro. Disponível em <https://www.instagram.com/p/DACI0jdyPOz>. Acesso em: 16 mai 2025.

MAGNANI, J. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11–29, jun. 2002.

NIEBORG, D. B.; POELL, T. The platformization of cultural production: theorizing the contingent cultural commodity. **New Media & Society**, v. 20, n. 11, p. 4275-4292, 2018.

NOLASCO, S. **O apagão da masculinidade?** Rio de Janeiro: trabalho e sociedade, ano 1, n. 2, dez. 2001. Disponível em: <http://www.mpce.mp.br/wp-content/uploads/2018/03/O-Apagao-da-Masculinidade-S%C3%B3crates-Nolasco.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2025.

QUEIROZ, T. [Sem título]. 31 out 2024. Instagram: @thiagoqueiroz. Disponível em <https://www.instagram.com/p/DBym8O9uwPI/>. Acesso em: 12 abr 2025.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200008>. Acesso em: 15 abr. 2025.